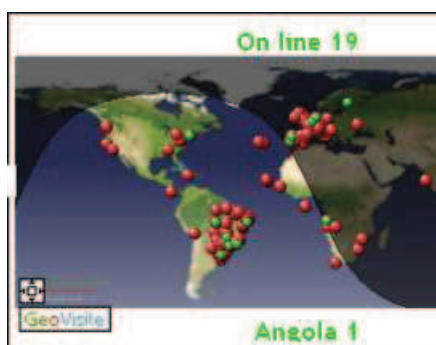


PÁGINA GLOBAL

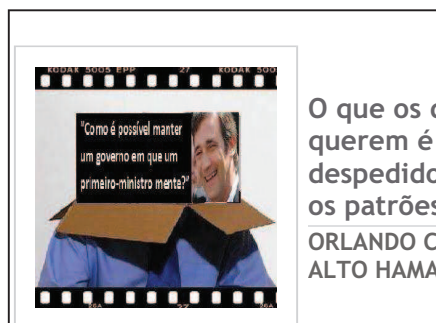
Globalmente, lusofonia em destaque - Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal, S. Tomé Príncipe, Timor Leste



VOCÊ ESTÁ AQUI



TÍTULOS EM DESTAQUE



Widget Slides das Postagens Recentes

Visualizações de página na última semana

1 8 7 3 4

Quarta-feira, 23 de Novembro de 2011

O POVO É O MESMO E, AFINAL, A MERDA TAMBÉM!



ORLANDO CASTRO*, jornalista - [ALTO HAMA*](#)

Por alguma razão já Eça de Queiroz dizia que “os políticos e as fraldas devem ser mudados frequentemente e pela mesma razão”. Fiquemos, contudo, com Guerra Junqueiro.

“Um povo imbecilizado e resignado, humilde e macambúzio, fatalista e sonâmbulo, burro de carga, besta de nora, aguentando pauladas, sacos de vergonhas, feixes de misérias, sem uma rebelião, um mostrar de dentes, a energia dum coice, pois que nem já com as orelhas é capaz de sacudir as moscas; um povo em catalepsia ambulante, não se lembrando nem donde vem, nem onde está, nem para onde vai; um povo, enfim, que eu adoro, porque sofre e é bom, e guarda ainda na noite da sua inconsciência como que um lampejo misterioso da alma nacional, reflexo de astro em silêncio escuro de lagoa morta.

Uma burguesia, cívica e politicamente corrupta até à medula, não discriminando já o bem do mal, sem palavras, sem vergonha, sem carácter, havendo homens que, honrados na vida íntima, descambam na vida pública em pantomineiros e sevandijas, capazes de toda a veniaga e toda a infâmia, da mentira à falsificação, da violência ao roubo, donde provém que na política portuguesa sucedam, entre a

NÃO SABEMOS COMO SERÁ POSSIVEL...



... MAS DESEJAMOS-LHE BOAS FESTAS!

OPINIÃO E NOTÍCIAS DA LUSOFONIA



CLIQUE NO SIMBOLO DO PAÍS A CONSULTAR

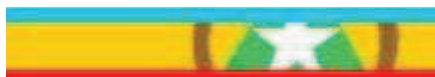
ANGOLA



BRASIL



CABINDA



CABO VERDE



GUINÉ-BISSAU



indiferença geral, escândalos monstruosos, absolutamente inverosímeis no Limoeiro.

Um poder legislativo, esfregão de cozinha do executivo; este criado de quarto do moderador; e este, finalmente, tornado absoluto pela abdicação unânime do País.

A justiça ao arbítrio da Política, torcendo-lhe a vara ao ponto de fazer dela saca-rolhas.

Dois partidos sem ideias, sem planos, sem convicções, incapazes, vivendo ambos do mesmo utilitarismo céptico e pervertido, análogos nas palavras, idênticos nos actos, iguais um ao outro como duas metades do mesmo zero, e não se malgando e fundindo, apesar disso, pela razão que alguém deu no parlamento, de não caberem todos duma vez na mesma sala de jantar”.

* *Orlando Castro, jornalista angolano-português - O poder das ideias acima das ideias de poder, porque não se é Jornalista (digo eu) seis ou sete horas por dia a uns tantos euros por mês, mas sim 24 horas por dia, mesmo estando (des)empregado.*

Título anterior do autor, compilado em Página Global: [RIAM, RIAM. RIAM ENQUANTO TÊM TEMPO!](#)

Publicada por PÁGINA GLOBAL em 23:17 1 comentários

1 pessoa marcou este item com +1

Hiperligações para esta mensagem
Etiquetas: [COMPILADO](#), [OPINIÃO](#), [ORLANDO CASTRO](#), [PORTUGAL](#)

PORTUGAL “DIFICILMENTE VAI SER UM PAÍS FELIZ” COM CORRUPÇÃO



[SOL](#) - LUSA

O economista Gabriel Leite Mota defendeu hoje que enquanto Portugal não acabar com a corrupção «difícilmente vai ser um país feliz», considerando que para pensar mais em termos de felicidade deve proteger-se «mais o emprego e menos a inflação».

Gabriel Leite Mota, o primeiro doutorado em Economia da Felicidade em Portugal, falava aos jornalistas no final da sua intervenção na 'Smile Conference', conferência organizada pela 'Happiness For

MOÇAMBIQUE



PORTUGAL



SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE



TIMOR-LESTE



OPINIÃO LUSÓFONA E DO MUNDO



CLICAR

MUNDO - OPINIÃO E NOTÍCIAS



CLICAR

Society', que durante a tarde de hoje decorreu na reitoria da Universidade do Porto.

«A economia da felicidade é um conjunto de estudos que surgiu por volta dos anos 90 que veio tentar juntar indicadores de bem-estar subjectivos com as variáveis tradicionais da economia - crescimento, desemprego, inflação, taxas de juro - numa perspectiva de tentar perceber afinal como é que estamos a conseguir produzir bem-estar», começou por explicar o economista.

Segundo o especialista, «o que a economia da felicidade pode ajudar é tentar mostrar que há umas variáveis que podem ser mais importantes do que outras na promoção do bem-estar», deixando um exemplo em concreto.

«Se nós queremos pensar mais em termos de felicidade, então devemos proteger mais o emprego e menos a inflação», disse, apoiando-se num estudo que refere que quando estas duas variáveis são contrastadas com a felicidade se constata que o desemprego é muito mais penalizador para o bem-estar do que a inflação.

Para Gabriel Leite Mota, em Portugal, um dos principais entraves à felicidade de um ponto de vista macro, é a corrupção.

«Enquanto nós não acabarmos com a corrupção dificilmente vamos ser um país feliz», defendeu.

O economista afirmou ainda ser necessária «a promoção de empreendedorismo que transforme definitivamente Portugal de um país de indústria arcaica para um país competitivo internacionalmente».

Questionado sobre a greve geral de quinta-feira, o economista disse privilegiar «uma atitude pró-activa e não uma atitude apenas de protesto».

«Note-se que uma greve pode ser entendida como uma atitude pró-activa de protesto mas eu acho que o faz mais falta a Portugal neste momento são, por exemplo, novos empreendedores, que sejam capazes de levar o país a um novo patamar de competitividade, a um novo tipo de relações laborais para fugirmos de alguns paradigmas», observou.

Segundo o especialista, Portugal está mal quer em indicadores de PIB quer em termos de satisfação subjectiva, acrescentando que «há estudos em que se vê que Portugal até está abaixo em termos subjectivos daquilo que deveria estar para o PIB que tem».

«À medida que nós nos tornamos mais rico enquanto país, enquanto nação, cada vez menos os acréscimos sucessivos de riqueza são produtivos em termos de felicidade», alertou.

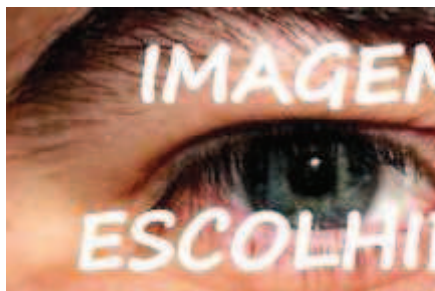
Para Gabriel Leite Mota este facto leva a uma questão: «a partir de uma certa altura não devemos estar sempre preocupados em investir mais, em consumir mais, em trabalhar mais mas em produzir melhor, ser mais produtivos, em poluir menos, em diversificar as actividades da vida».

Publicada por PÁGINA GLOBAL em 23:12 0 comentários

1 pessoa marcou este item com +1

[Hiperligações para esta mensagem](#)
Etiquetas: [COMPILADO](#), [PORTUGAL](#)

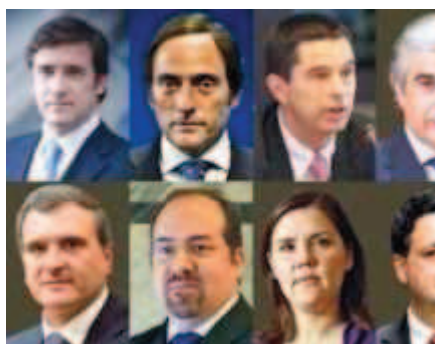
IMAGEM ESCOLHIDA



CLICAR



O BANDO DE MENTIROÇOS



Clicar imagem

O FUTURO DO PORTUGUÊS EM TIMOR-LESTE



Linguistas - A polémica - O lóbie anglófono - Clicar

MINISTRA HUMILHOU INSPEÇÃO DE FINANÇAS DE CABO VERDE EM REUNIÃO INTERNACIONAL



Por onde passa, Cristina Duarte cria mal-estar...

LIBERAL

Ministra arma “bronca” em conferência da CPLP

O despautério da ministra provocou grande constrangimento entre os participantes, originando mesmo protestos e relatórios transmitidos aos governos dos respectivos países, pondo em causa, inclusive, a cooperação da IGF portuguesa com a congénere cabo-verdiana

Praia, 23 de Novembro 2011 - Os rumores circulavam por aí, no próprio Ministério das Finanças e do Plano o tema anda de boca em boca... Tudo a propósito da intervenção de Cristina Duarte na abertura da IV Conferência Anual dos Organismos Estratégicos de Controlo Interno da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), que se realizou na cidade da Praia, de 14 a 16 de Novembro.

Com a participação de todas as inspecções de finanças dos países lusófonos, a conferência reúne anualmente desde há quatro anos, numa lógica de organização alfabética. Este ano foi a vez de Cabo Verde, no próximo é a Guiné-Bissau que acolhe o evento.

A conferência da Praia, para além, naturalmente, do país organizador, contou com a presença de representantes de Angola, Brasil, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste que, surpresos e indignados, ouviram a intervenção de abertura da ministra das Finanças e do Plano de Cabo Verde.

Cristina Duarte, segundo a opinião de vários participantes contactados por Liberal, “apresentou-se com uma pose arrogante e antipática, pouco consentânea com alguém que era suposto dar as boas vindas aos delegados” e, desde logo, esclareceu a audiência que “não ia fazer discurso de abertura e nem de encerramento, mas sim ter conversas”, refere ainda a nossa fonte.